ISSN: 2358-8829

CABELO CRESPO E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: reflexões a partir das experiências de professoras negras

Cristiane Raquel Souza de Carvalho [1]
Anna Paula de Oliveira do Vale[2]
Silvia Cristina Rodrigues da Silva[3]
Drielle Ribeiro Mota[4]
Francisca Eliete de Souza Braga[5]

INTRODUÇÃO

O presente estudo caracteriza-se como pesquisa qualitativa, de natureza bibliográfica e de campo, realizada com professoras negras que atuam na Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Codó, no Maranhão. O objetivo geral da pesquisa foi refletir sobre as experiências de professoras negras da Rede Municipal de Ensino de Codó-MA, que sofreram situações de preconceito relacionadas textura e à estética do cabelo crespo durante a infância, vítimas das manifestações do racismo. A partir disso, buscamos compreender: Como essas situações de racismo podem influenciar suas práticas pedagógicas na Educação Infantil? Quais estratégias são desenvolvidas para fortalecer a autoestima das crianças negras? Como as professoras trabalham a valorização da estética capilar? Quais dificuldades encontram para intervir diante de situações de racismo no ambiente escolar?

É primordial contextualizar o município onde a pesquisa foi desenvolvida, de acordo com o Censo Demográfico de 2022 do IBGE: Codó possuía 114.275 habitantes, quanto à cor ou raça, 78.036 pessoas se autodeclararam pardas e 20.195 se autodeclararam pretas, somadas essas duas categorias, são 98.231 pessoas, o que corresponde a aproximadamente 86% da população do município.

[1] Mestranda do Curso de Pós-graduação em Ensino na Educação Básica – PPEEB da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, chriscarvalhoraquel@gmail.com;
[2] Especialista em Educação Especial e inclusiva pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, annapauladovale@hotmail.com;
[3] Mestranda do Curso de Pós-graduação em Ensino na Educação Básica – PPEEB da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, cristina-sofia18@outlook.com;
[4] Mestranda do Curso de Pós-graduação em Ensino na Educação Básica – PPEEB da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, dry_ll@hotmail.com;
[5] Mestranda do Curso de Pós-graduação em Ensino na Educação Básica – PPEEB da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, elietybraga@gmail.com.

Esse dado é significativo para pensar a realidade de Codó, pois estamos falando de um município cuja população é majoritariamente constituída por pessoas que se autodeclaram pretas ou pardas; é nesse contexto que se insere a presente pesquisa, que buscou refletir sobre as experiências de professoras negras da Rede Municipal de Ensino de Codó-MA que viveram situações de preconceito relacionadas ao cabelo crespo durante a infância.

A pesquisa parte da compreensão de que o cabelo crespo ultrapassa a dimensão estética e pode constituir um elemento fundamental de identidade, pertencimento e construção da autoestima, na África, o cabelo crespo sempre foi sinônimo de ancestralidade e espiritualidade. Chegando ao Brasil o povo negro foram inferiorizados e os cabelos crespos foram caracterizados como inadequados, forçando a adequação aos padrões europeus, o alisamento dos fios. São séculos de desvalorização e padrões estéticos hegemônicos, a indústria da moda, a mídia, normas impostas e pressão social.

Conhecer a história de outras professoras negras, é imprescindível, pois compartilhamos as raízes raciais, conflitos e as vivências de mulheres negras em uma sociedade branca e patriarcal. As inquietações surgem, inicialmente, de fatos pessoais, pois a infância é um território pelo qual sempre pisamos, quando observamos situações de racismo em sala de aula revivemos as violências.

Como professoras da Educação Infantil nos deparamos algumas vezes com crianças que apresentam atitudes racistas em relação ao colega, a intervenção precisa ser pontual e envolver o diálogo com as famílias.

A escolha desse tema está relacionada à necessidade de discutir as relações étnico-raciais desde a Educação Infantil, muitas vezes, quando falamos sobre racismo na escola, pensamos principalmente nos estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental ou do Ensino Médio. No entanto, as crianças pequenas também constroem, desde cedo, percepções sobre diferenças raciais, aparência, beleza e pertencimento.

METODOLOGIA

Conforme Gil (2008), os fatos sociais devem ser analisados em sua totalidade, considerando os aspectos políticos, econômicos e culturais que os atravessam. Com base nessa perspectiva, esta investigação adota uma abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica e de campo. Primeiramente, foi feita a pesquisa bibliográfica em leis e documentos formativos, LDB, Lei 10.639/2003, Diretrizes Curriculares Nacionais para

Educação das Relações Étnico-raciais, autores que tratam sobre a educação antirracista e nos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A pesquisa de campo foi realizada com 09 professoras negras que atuam na Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Codó-MA, no período de agosto a outubro de 2026.

Para a coleta de dados, utilizamos questionário composto por 11 perguntas perguntas abertas, encaminhado às participantes por meio do Google Forms. A escolha das perguntas abertas possibilitou que as professoras relatassem suas vivências de maneira mais livre, especialmente por se tratar de situações relacionadas às suas trajetórias pessoais, escolares e profissionais.

Posteriormente, os resposta foram analisadas e articuladas ao referencial teórico da pesquisa, buscando compreender as relações entre cabelo crespo, identidade negra, autoestima, racismo e práticas pedagógicas. Para manter o anonimato e preservar as informações das participantes, suas respostas foram identificadas como Participante 1 a Participante 9.

REFERENCIAL TEÓRICO

As questões relacionadas ao cabelo negro surgem desde o comércio de pessoas escravizadas, período em que os cabelos eram raspados com argumentos de higiene. Segundo Braga (2015), essa ação tinha como finalidade violar suas características, para que os homens e mulheres apresentassem ser mais jovens e, assim, vendidos com mais facilidade. Por isso, o cabelo crespo sempre será símbolo de resistência, beleza, identidade e autoafirmação, pois o cabelo crespo transgride padrões.

> Durante séculos de escravidão, a perversidade do regime escravista materializou-se na forma como o corpo negro era visto e tratado. A diferença impressa nesse mesmo corpo pela cor da pele e pelos demais sinais diacríticos serviu como mais um argumento para justificar a colonização e encobrir intencionalidades econômicas e políticas. Foi a comparação dos sinais do corpo negro (como o nariz, a boca, a cor da pele e o tipo de cabelo) com os do branco europeu e colonizador que, naquele contexto, serviu de argumento para a formulação de um padrão de beleza e de fealdade que nos persegue até os dias atuais (Gomes, 2002, p.42).

Ao longo dos anos, as práticas discriminatórias colaboram para a depreciação do povo negro e seus fenótipos, principalmente seus cabelos. O processo colonizador criou

um projeto de cidadão ideal, o perfil europeu, os colonizadores definiram seus próprios traços como o único modelo de beleza e perfeição.

No período colonial, o negro foi mercadoria e para justificar a coisificação do africano, foram criadas inverdades, como não desenvolvidos, menos inteligentes, inaptos, desprovidos de beleza, desarmoniosos, entre outros. As características físicas das pessoas negras, como o tom da pele, o cabelo e o formato do rosto, foram utilizadas para rotulá-las como inferiores e feias. Essa divisão não era por acaso: tratava-se de uma estratégia para mascarar interesses econômicos e de poder, criando um padrão estético racista, ainda existentes na sociedade atual.

Desde a infância, pessoas negras vivenciam situações de preconceito relacionadas ao cabelo, seja por meio de apelidos, comentários, comparações ou pela valorização de padrões estéticos associados à branquitude. Nesse sentido, a escola ocupa um lugar fundamental na construção das percepções que as crianças desenvolvem sobre si mesmas e sobre os outros.

Segundo Cavalleiro (2025), a escola, ao reproduzir práticas racistas, discriminatórias e preconceituosas, permitindo que crianças negras sejam vítimas constantes de situações de violência relacionadas ao racismo. Ao manter práticas e discursos positivos sobre o corpo negro, que, ao longo da história, foram excluídos, violentados e inferiozados, como justificativa da colonização europeia.

A desvalorização do não branco, inicia na Educação Infantil, com a escolha de personagens e a valorização de um perfil europeu, naturaliza o racismo por meio das práticas pedagógicas e docentes, com escolhas que não representam a população negra. Como a criança negra constrói a identidade se as crianças não se reconhecem com o que é apresentado no ambiente escolar?

> Nessa mediação, um ícone indenitário se sobressai: o cabelo crespo. O cabelo e o corpo são pensados pela cultura. Nesse sentido, o cabelo crespo e o corpo negro podem ser considerados expressões e suportes simbólicos da identidade negra no Brasil. Juntos, eles possibilitam a construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão criada no seio da comunidade negra: a beleza negra. (Gomes, 2008 p. 54).

O cabelo pode ser um dos primeiros elementos utilizados para estabelecer diferenças entre as crianças, quando uma criança negra ouve que seu cabelo é “ruim”, “feio” ou que deveria ser diferente, essa experiência pode interferir na maneira como ela percebe sua própria aparência e sua identidade. Discutir a valorização do cabelo crespo

desde a Educação Infantil significa também discutir identidade, autoestima, pertencimento e respeito à diversidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das onze questões permite identificar um movimento que atravessa as narrativas das participantes: a experiência vivida na infância, a ressignificação da identidade na vida adulta e a construção de práticas pedagógicas voltadas às crianças. Os relatos permitiram compreender que o cabelo crespo constitui parte significativa da identidade negra.

As vivências durante a infância demonstram que o preconceito relacionado ao cabelo não se limita a uma questão estética, mas está relacionado a padrões de beleza construídos socialmente e à valorização de determinadas características em detrimento de outras.

Essa dimensão constitui um dos principais achados da pesquisa, pois as professoras não aparecem somente como profissionais que receberam conhecimentos sobre educação antirracista, são mulheres vítimas do racismo. De que maneira as experiências de preconceito relacionadas ao cabelo crespo vivenciadas durante a infância influenciam, atualmente, sua forma de perceber e lidar com questões relacionadas ao cabelo e à identidade das crianças negras?

> Como cresci em uma época sem valorização do cabelo crespo, onde ele era visto como “ruim” e a gente tentava usá-lo sempre preso para tentar se proteger do preconceito, sei exatamente o peso disso na formação do indivíduo. Hoje, como mulher adulta e professora, usar meu cabelo natural é um ato de afirmação. Isso me dá sensibilidade para enxergar como as crianças de hoje estão vivenciando essa relação. Fico muito feliz ao ver que essa nova geração já tem um espaço maior de aceitação, e uso minha vivência para incentivar que elas se sintam orgulhosas da própria imagem desde cedo (Pesquisadora 2, 2026).

A fala evidencia uma relação estabelecida pela própria participante entre a experiência vivida na infância e sua postura profissional atual. A professora reconhece que ter sido alvo de preconceito contribuiu para que desenvolvesse maior sensibilidade diante de situações semelhantes.

Esse dado dialoga com Cavalleiro (2025), sobretudo porque a autora aponta que fatos relacionados às relações raciais fazem parte da vida cotidiana das crianças e podem produzir marcas que não desaparecem simplesmente com o passar do tempo. Nesse caso, a memória da infância aparece associada a um processo de ressignificação. O cabelo que

anteriormente marcado pela ideia de inadequação passa, na vida adulta, a representar afirmação.

A experiência da professora aproxima-se das reflexões de Gomes (2006), para quem o cabelo constitui elemento da identidade negra. Assim, o percurso apresentado pela a Participante 2, revela uma passagem entre a experiência da desvalorização e a construção de uma relação afirmativa com o próprio corpo.

Quando uma criança negra cresce em um ambiente no qual seu cabelo é constantemente desvalorizado. Essa experiência pode interferir na construção de sua autoestima e da percepção que possui sobre sua própria identidade; é justamente nesse ponto que a escola e o professor podem desempenhar um papel essencial.

Entretanto, as respostas evidenciaram que intervir diante de situações de racismo não é uma tarefa simples. As professoras apontaram dificuldades relacionadas ao próprio contexto educacional, marcado por uma tradição eurocêntrica, na qual as discussões sobre raça, identidade e racismo nem sempre recebem o espaço necessário.

Outro fator importante identificado na pesquisa está relacionado às próprias experiências das docentes, as participantes carregam memórias de situações de preconceito vividas durante suas trajetórias escolares, o que resulta em diferentes formas de enfrentamento.

Em relação aos resultados, os relatos evidenciaram que as professoras reconhecem a importância de desenvolver ações voltadas à valorização da identidade e da estética negra desde a Educação Infantil. Quando perguntadas sobre pratica de racismo na escola, as docentes demonstraram compreender que suas atitudes diante das situações de discriminação podem contribuir para a construção da autoestima das crianças negras.

Em sua prática na Educação Infantil, você já presenciou alguma situação de preconceito ou discriminação relacionada ao cabelo de uma criança? Como você agiu diante dessa situação?

> Sim. Já presenciei comentários de crianças relacionados à aparência e ao cabelo de colegas. Procurei intervir imediatamente, conversando com a turma de maneira adequada à faixa etária, explicando que cada pessoa possui características diferentes e que nenhuma delas deve ser motivo de vergonha ou de brincadeira. Também desenvolvi atividades que valorizassem a diversidade e as características de cada criança (Participante 3, 2026).

Entre as possibilidades de intervenção, destacam-se ações de valorização dos diferentes tipos de cabelo, apresentação de referências negras e desenvolvimento de

atividades que permitam às crianças reconhecer diferentes formas de beleza. Como destaca Pinheiro (2023, p. 20): “Onde não se vê, a gente não se pensa, não se projeta”. É essencial reconhecer que essas intervenções podem produzir efeitos positivos no fortalecimento da autoestima e no reconhecimento da diversidade.

Quando uma professora intervém diante de um comentário preconceituoso, apresenta referências negras, valoriza diferentes tipos de cabelo ou cria oportunidades para conversar sobre diversidade, ela está contribuindo para a construção de um ambiente escolar mais acolhedor.

Infelizmente, muitas dessas ações acontecem de maneira individualizada, dependem da iniciativa, da sensibilidade e do compromisso de determinadas professoras, sem necessariamente integrarem um planejamento institucional contínuo. O silêncio institucional é, como afirma hooks (2013), uma forma de violência, pois nega a dor e a humanidade de quem sofre. Os resultados revelam, ao mesmo tempo, a existência de dificuldades e silenciamentos e a presença de professoras que desenvolvem estratégias e reconhecem seu papel na construção de uma educação antirracista.

Todas as nove participantes apresentaram estratégias pedagógicas relacionadas à valorização do cabelo crespo e da identidade negra. Entre as práticas mencionadas destacam-se livros, bonecas negras, espelhos, autorretratos, rodas de conversa, música, dança, dramatização, elogios e murais.

Quais estratégias ou atividades pedagógicas você desenvolve para valorizar o cabelo crespo e a estética das crianças negras?

> O Espelho da Autoestima: Tenho um espelho na altura deles com a frase: “Olá, coroa linda!”. Toda manhã cada criança se olha e eu elogio um detalhe do cabelo dela. Não é elogio genérico. É específico: “Nossa, como seu coquinho tá fofo hoje!” “Que trança linda, parece uma rainha!”(Participante 1, 2026).

A estratégia utiliza um recurso cotidiano para promover uma experiência de reconhecimento da própria imagem, envolve diretamente a relação da criança com seu corpo e sua aparência. O espelho deixa de ser apenas um objeto e passa a funcionar como recurso pedagógico para produzir uma experiência positiva de autorreconhecimento.

É necessário que a escola desenvolva ações permanentes e que os professores tenham acesso a uma formação continuada adequada, que possibilite o desenvolvimento de práticas pedagógicas conscientes e comprometidas com o enfrentamento do racismo.

Como aponta Freire (1996), ensinar exige coerência, sensibilidade e compromisso com a humanização dos sujeitos.

Por que a formação continuada dos professores é importante para a construção de práticas pedagógicas antirracistas e para a efetiva implementação da educação para as relações étnico-raciais?

> É partindo dessas formações que muitos professores também irão mudar seus olhares e seu planejar. É partindo dessas novas perspectivas que poderemos mudar e ajudar nessa construção cultural, buscar a cada novo recomeço mudar e combater o preconceito e abrir esse leque contra o antirracismo, falar das relações étnico-raciais desde a Educação Básica a base (Participante 6, 2026).

A formação continuada apareceu nas respostas, como uma necessidade para o desenvolvimento de práticas mais qualificadas, os dados sugerem que a formação continuada deve ultrapassar ações pontuais. As professoras demonstram a necessidade de conhecimentos teóricos e, simultaneamente, de recursos práticos para transformar esses conhecimentos em experiências pedagógicas.

Na última questão, as participantes refletiram sobre o envolvimento da escola, da gestão e dos demais profissionais no enfrentamento do racismo. As participantes foram questionadas sobre a contribuição dos gestores e supervisores no combate ao racismo na escola. Como você avalia a participação da escola, da gestão e dos demais professores na promoção de práticas pedagógicas voltadas para uma educação antirracista?

> Avalio como um trabalho em construção, que traz esperança, mas que ainda precisa de maior alinhamento. Vejo que avançamos aos poucos no compromisso coletivo, mas muitas vezes as ações ainda dependem da iniciativa individual de alguns professores. Para que a educação antirracista seja efetiva, é fundamental que toda a gestão e o corpo docente trabalhem de forma integrada e contínua, transformando essa pauta em um projeto institucional permanente, e não apenas em atividades isoladas ou datas comemorativas (Participante 2, 2026).

As falas convergem em um aspecto fundamental: o enfrentamento do racismo não pode ser responsabilidade exclusiva de uma professora, cabe compreender a importância de uma postura institucional diante das relações raciais. Se o racismo está presente nas relações cotidianas, seu enfrentamento também precisa fazer parte do ambiente escolar, a transformação começa no currículo, mas exige práticas diárias, olhares atentos e escuta ativa dos estudantes.

A participação da gestão, dos professores e dos demais profissionais é basilar para que práticas de valorização da identidade negra não dependam exclusivamente da

iniciativa individual de algumas docentes. Portanto, que a valorização do cabelo crespo na Educação Infantil precisa fazer parte de práticas pedagógicas permanentes, planejadas e institucionalmente apoiadas.

A análise permite afirmar que trabalhar o cabelo crespo na Educação Infantil não significa simplesmente ensinar a criança a gostar de sua aparência. Significa criar condições para que ela encontre, no espaço escolar, referências que reconheçam seu corpo, sua história e sua identidade.

As estratégias relatadas revelam ainda que a Educação Antirracista pode ser desenvolvida por meio de práticas adequadas à infância, sem que o tema seja reduzido a uma abordagem abstrata. A utilização da literatura, das brincadeiras, das imagens, das músicas, das bonecas e das atividades de reconhecimento corporal, são caminhos pedagógicos para trabalhar a identidade.

Os resultados demonstraram que as vivências de discriminação fazem parte das memórias das participantes e permanecem significativas em suas trajetórias. Em determinados casos, essas foram ressignificadas e passaram a contribuir para uma maior atenção às situações de discriminação vivenciadas pelas crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar, a pesquisa permitiu compreender que os históricos de discriminação relacionadas ao cabelo crespo vividas durante a infância não podem ser compreendidas apenas como acontecimentos individuais. Elas estão relacionadas a processos amplos de construção das relações raciais e dos padrões de beleza presentes na sociedade.

A pesquisa evidencia a importância de trabalhar a valorização do cabelo crespo e da estética negra desde a Educação Infantil, contribuindo para o fortalecimento da identidade, da autoestima e do sentimento de pertencimento das crianças negras.

Essas práticas não dependem somente da iniciativa individual das professoras, é necessária a construção de ações institucionais permanentes e políticas de formação continuada, ferramentas fundamentais para a construção de práticas pedagógicas mais conscientes e comprometidas com a diversidade.

Palavras-chave: Educação Antirracista, Representatividade, Identidade e Lei 10.639/2003.

ISSN: 2358-8829

REFERÊNCIAS

BRAGA, Amanda. **História da beleza negra no Brasil:** discursos, corpos e práticas – São Carlos: Edufscar, 2015.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF: MEC, 1996.

BRASIL. **Lei nº 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília, DF: MEC, 2004.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar:** racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte.** Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade de São Paulo, São Paulo: 2002.

GOMES, Nilma Lino**. Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Censo Demográfico 2022.** Rio de Janeiro: IBGE. 2023.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta, 2023.